

Mapeando o silêncio: racismo ambiental e quilombos nas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul¹

Uandyléia Dias²

Laura Helena de Paula Valentim³

Fabio Malini⁴

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Resumo

Este trabalho investiga a manifestação do racismo ambiental na cobertura midiática das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, com foco na invisibilização das comunidades quilombolas. A partir da análise de 19.952 postagens com o termo *racismo ambiental*, publicadas no Instagram entre novembro de 2023 e novembro de 2024 e coletadas via *Content Library* (Meta), a pesquisa utiliza metodologia empírico-qualitativa baseada em análise de redes e disponibilizar as visualizações em formato interativo na plataforma do Github. Fundamenta-se em autores como Selene Herculano e Marjana Vedovatto, articulando as relações entre raça, território e injustiça ambiental. Apesar de algum engajamento online, os quilombos seguem invisibilizados pela mídia - tratando o fato como evento corriqueiro - enquanto as redes sociais despontam como espaços de resistência simbólica diante das enchentes e das desigualdades.

Palavra-chave: racismo ambiental; comunidades quilombolas; justiça climática; análise de redes sociais e grafos.

1. Introdução

Nos últimos anos, os desastres ambientais tornaram-se mais frequentes e intensos, evidenciando os impactos das mudanças climáticas sobre diferentes territórios e populações. Populações negras, quilombolas, indígenas e ribeirinhas, historicamente marginalizadas, estão entre as mais afetadas por essas catástrofes. A enchente histórica ocorrida no Rio Grande do Sul entre abril e maio de 2024 é um exemplo emblemático dessa realidade: mais de 615 mil pessoas foram deslocadas, e 145 comunidades

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação, Cultura Digitais E Tecnologias, da Intercom Júnior - 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFES-ES, e-mail: uandyleiadiasalves@gmail.com

³ Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC) e-mail: hellenavalentim@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor Associado IV no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o LABIC/Ufes e é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFES. e-mail: fabiomalini@gmail.com

quilombolas foram atingidas, das quais 15 ficaram completamente isoladas, segundo a CONAQ.⁵

Nesse cenário, a tragédia expôs o racismo ambiental, entendido como a distribuição desigual dos impactos ambientais com base em raça, classe e gênero (Vedovatto, 2019). Esse fenômeno afeta populações tradicionais, onde enfrentam rotinas marcadas por degradação ambiental e violações territoriais (Herculano, 2008). De acordo com um estudo da PUCRS⁶, em 2022, 18,9% da população do Rio Grande do Sul era formada por pessoas pretas e pardas. No entanto, entre os 10% mais pobres da população, a proporção de pessoas pretas e pardas era de 32,3%. Apesar da gravidade da situação, as populações negras e quilombolas foram invisibilizadas na cobertura midiática hegemônica.

No cenário atual, as redes sociais têm se consolidado como ferramentas centrais na mobilização e disseminação de informações, sobretudo por meio de iniciativas autônomas e solidárias. No entanto, é necessário refletir criticamente sobre a construção dessas narrativas: quem as protagoniza, quais discursos ganham visibilidade e que grupos seguem à margem. Embora se apresentem como espaços abertos, essas plataformas concentram poder e moldam os sentidos que circulam. Como destaca Recuero (2017), tratam-se de arenas de "produção e circulação de sentidos", onde significados são construídos pelos usuários, mas mediados tanto pela estrutura técnica quanto pela dinâmica de interação.

Para compreender a multiplicidade de vozes que emergem nesses ambientes, faz-se necessário adotar abordagens multidisciplinares capazes de articular análise contextual e leitura narrativa (Giering, 2021). Este estudo, portanto, propõe visualizações que revelem como os discursos sobre racismo ambiental se organizam e se relacionam nessas plataformas. Em um cenário de flexibilização da legislação ambiental e de cobertura midiática espetacularizada dos desastres, torna-se urgente repensar o papel da comunicação na promoção da justiça socioambiental e no enfrentamento das desigualdades raciais estruturais.

⁵ Quinze quilombos estão totalmente isolados pelas chuvas no RS. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2024-05/quinze-quilombos-estao-totalmente-isolados-pelas-chuvas-no-rs>.

⁶ Desigualdades sociais e raciais no Rio Grande do Sul: uma análise demográfica. Porto Alegre: PUCRS, 2022. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/noticias/impacto-social/desigualdade-racial/>

2. Metodologia e corpus

O corpus da presente pesquisa foi composto por dados coletados pelo Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC/UFES) – via *Content Library*, ferramenta de coleta disponibilizada pela Meta⁷ – de novembro de 2023 a novembro de 2024. A base original continha 19.952 linhas e 9 colunas. Após a extração, realizamos um processo manual de limpeza, linha por linha, com exclusão de conteúdos publicitários e postagens não relacionadas diretamente ao tema, resultando em 1.498 publicações.

Logo depois, uma segunda limpeza, que teve o apoio do Ford, *software* desenvolvido pelo Labic/UFES. A categorização em seis clusters distintos (Tabela 1) foi realizada manualmente, com base na análise qualitativa das narrativas, identificando padrões temáticos recorrentes entre as publicações.

Tabela 1 – Clusterização

Cluster	Conceituação	Argumento analítico
Ajuda durante a enchente	Publicações que denunciam problemas na distribuição de recursos, corrupção, ausência do Estado ou ineficiência da logística de ajuda.	Evidencia a atuação desigual do poder público e a mobilização autônoma da população. Mostra como o apagamento das comunidades racializadas também se dá pela falta de assistência.
Enchente - Rio Grande do Sul	Postagens com foco geral na tragédia, volume de chuva e imagens de destruição.	Representa o discurso hegemônico que naturaliza a tragédia, sem abordar desigualdades estruturais como raça e classe.
Imprensa e redes sociais	Conteúdos que falam sobre a tragédia do Rio Grande do Sul e foram veiculados nas redes sociais. Ou conteúdos que discutem o papel da mídia e das redes na visibilidade (ou não) das comunidades atingidas.	Mostra a disputa de narrativas entre mídia tradicional e mídias alternativas. Enfatiza o papel das redes sociais na denúncia e mobilização coletiva.
Racismo ambiental	Publicações que utilizam o conceito de racismo ambiental para denunciar desigualdades raciais em tragédias.	É o núcleo crítico da rede, onde se articula o discurso político sobre desigualdade estrutural e justiça ambiental. Reflete maior consciência racializada do problema.

⁷ <https://transparency.meta.com/pt-br/researchtools/meta-content-library/>

Racismo ambiental + Enchente do RS	Intersecção entre os discursos sobre a enchente e o racismo ambiental, incluindo denúncias quilombolas.	Cluster central na articulação entre território e raça. Mostra como as narrativas quilombolas ganham visibilidade em certos momentos, embora ainda sejam periféricas no todo da rede.
Rio de Janeiro	Postagens que comparam ou mencionam tragédias anteriores (como as enchentes no RJ) para traçar paralelos com o RS.	Indica a memória social e o padrão recorrente das tragédias em áreas racializadas. Reforça o argumento de que não são casos isolados, mas estruturais.

Fonte: autoria própria.

2.1 Visualizações

Após o tratamento dos dados, a base foi convertida em um arquivo JSON. A seleção dos dados foi feita por script em Python, filtrando os 15% de postagens com maior engajamento por cluster, de modo a garantir representatividade e legibilidade da rede.

A visualização foi implementada em D3.js, no formato de árvore radial, o grafo é interativo, permitindo a exibição de informações detalhadas em um painel lateral ao clicar nos nós. A escolha deste modelo visa combinar clareza visual com a capacidade de representar, de forma sintética, as conexões entre temas, autores e níveis de engajamento. A Tabela 2 apresenta as ferramentas utilizadas no processo.

Tabela 2 Ferramentas e uso no Grafo Radial

Ferramenta	Uso
Ford (Labic)	Processamento para organização do dataset (<i>column_fix</i> e <i>search_url</i>).
Python	Processamento do dataset e filtragem dos 15% de postagens com maior engajamento por cluster.
D3.js	Construção do grafo radial interativo com layout em árvore (tree layout).
HTML + CSS	Estrutura e estilo da página de visualização interativa.
JavaScript	Lógica da interatividade (zoom, rotação, clique em nós, filtros por cluster e painel lateral).

Fonte: autoria própria.

A segunda visualização adota um diagrama de corda para representar as conexões entre usuários e suas postagens mais engajadas (top 50), com base em um arquivo JSON

gerado via script em Python. Os nós representam autores e postagens dispostos em torno de um círculo e agrupados por cluster temático, identificado por codificação cromática.

A visualização, implementada com D3.js, permite filtrar e visualizar todas as postagens de um cluster, acompanhadas de uma breve descrição temática. A escolha pelo diagrama de corda se justifica por sua capacidade de condensar autoria, engajamento e distribuição temática em uma estrutura visualmente clara e compacta. A Tabela 3 apresenta as ferramentas utilizadas nesta etapa.

Tabela 3 Ferramentas e uso no Diagrama de Corda

Ferramenta	Uso
Ford (Labic)	Processamento para organização do dataset (column_fix e search_url).
Python	Filtragem dos 50 posts com maior engajamento e organização da estrutura hierárquica dos dados.
D3.js	Implementação do diagrama de corda com agrupamento por cluster e interações visuais personalizadas.
HTML + CSS	Estruturação visual da página, incluindo o painel lateral e organização das seções.
JavaScript	Controle da visualização interativa: clique nos arcos, exibição de metadados, filtros por cluster e animações.

Fonte: autoria própria.

A fim de tornar as análises acessíveis de forma interativa e dinâmica, optou-se pela criação de uma página online⁸. Além disso a aplicação está disponível em repositório no GitHub⁹, com código aberto para reutilização e expansão por outros pesquisadores.

3. Resultados e discussões

A visualização radial (Figura 1) evidencia a centralidade do nó “Narrativas”, que articula diretamente seis clusters temáticos: “Imprensa”, “Ajuda”, “RJ”, “Racismo”, “Enchente RS” e “Racismo Ambiental + Enchentes”. Essa configuração mostra uma

⁸ link para acesso da página com as visualizações criadas: [DataViz RGDS](#)

⁹ link para acesso ao repositório: <https://github.com/lauvalentim/dashboard>

rede discursiva em que temas como catástrofes climáticas, solidariedade e justiça racial se entrelaçam, ainda que com diferentes graus de visibilidade e profundidade.

O cluster “Enchente RS” destaca-se pelo volume de postagens, refletindo uma predominância de narrativas humanitárias imediatistas. Com ênfase em números de vítimas e imagens de destruição, sem aprofundamento sobre causas estruturais, como Instituto Brasileiro de Sustentabilidade – exemplo de postagem: *"Mudanças climáticas já são uma realidade. Pouco a pouco o fenômeno mostra sua face."*¹⁰ O que reforça o apagamento simbólico das dimensões raciais da crise (Herculano, 2008).

Em contraponto, o cluster “Racismo Ambiental + Enchentes” constitui um espaço discursivo de resistência, reunindo publicações que denunciam os efeitos racializados dos desastres ambientais. Perfis como o de Bruna Crioula – exemplo de postagem: *"Siga doando para o FUNDOCrioula em defesa de famílias negras, indígenas, periféricas e animais não humanos que sofrem os impactos do racismo ambiental no RS."*¹¹ abordam diretamente a exclusão de comunidades negras, evidenciando os limites das respostas institucionais e a superficialidade de certas coberturas, como analisa Vedovatto (2019). Ainda assim, essas vozes permanecem periféricas em termos de engajamento, o que revela as barreiras à visibilidade impostas pelas próprias plataformas.

O cluster “Imprensa”, embora central no circuito da informação, frequentemente dilui o conceito de racismo ambiental, exemplo de postagem: *"Um novo prognóstico realizado nesta segunda-feira, 6, pelos cientistas que anteciparam a cheia recorde do Lago Guaíba."*¹² O foco em solidariedade sem enfrentamento das raízes estruturais da crise climática, reflete o epistemicídio apontado por Sueli Carneiro, no qual as experiências das populações negras seguem sendo silenciadas mesmo quando diretamente afetadas.

Os demais clusters complementam a rede com diferentes ênfases. “Racismo” amplia o debate para além do desastre, reforçando o racismo ambiental como experiência cotidiana. O cluster “RJ” aborda as chuvas no Rio de Janeiro, com destaque para a fala da Ministra Anielle Franco sobre desigualdade racial e vulnerabilidade

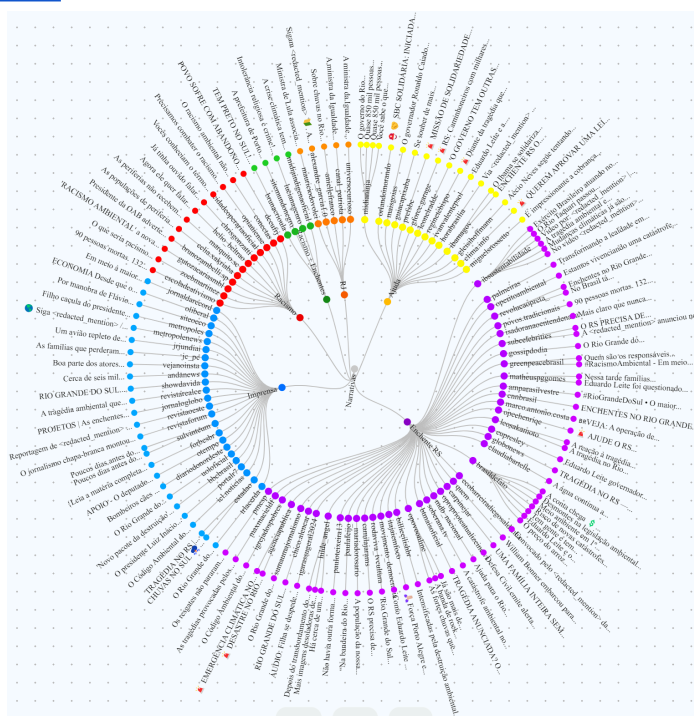
¹⁰ postagem completa em: <https://www.instagram.com/ibsustentabilidade/reel/C6eTPUHg78p/>

¹¹ postagem completa em: <https://www.instagram.com/p/C7ww8uBOenQ/>

¹² postagem completa em: https://instagram.com/estadao/p/C6pXcwwBoy4/?img_index=1

climática¹³. Já o cluster “Ajuda” reúne ações de mobilização e solidariedade, lideradas por coletivos como o Mídia Ninja¹⁴, que também atua na produção de conteúdo educativo sobre justiça climática.

Figura 1 Grafo radial¹⁵



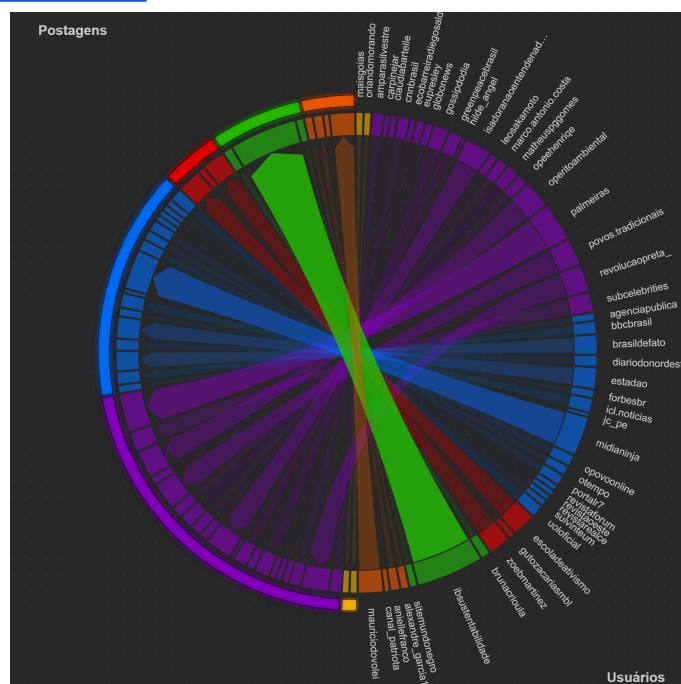
Fonte: autoria própria.

¹³ postagem completa em: https://www.instagram.com/aniellefranco/reel/C2GmiPpr_69/

¹⁴ postagem completa em: https://www.instagram.com/midianinja/p/C7Wm_fptyMn/

¹⁵ link para acesso da página com as visualizações criadas: [DataViz RGDS](https://rgds.com/)

Figura 2 Diagrama em corda¹⁶



Fonte: autoria própria.

O diagrama de corda (Figura 2) evidencia as conexões entre os principais emissores e as postagens mais engajadas sobre as enchentes no Rio Grande do Sul, revelando a intersecção entre campos discursivos como imprensa, influenciadores e ativismo. A cobertura jornalística, destacada em azul se articula como eixo de convergência e mediação na construção da narrativa factual da tragédia, exemplo de postagem: "*Em meio ao desastre ambiental, tutores reencontram seus animais de estimação resgatados depois das enchentes.*"¹⁷

Clusters como o verde e o roxo concentram os discursos de maior densidade crítica, voltados à justiça ambiental e à denúncia das desigualdades estruturais, exemplo de postagem: *"Neste momento, mais de 48,1 mil estão em abrigos. A culpa não é da chuva, nem do povo: é de quem deveria ter pensado em mitigação e adaptação climática."*¹⁸

No entanto, mesmo a publicação de maior engajamento, presente no cluster verde (do Instituto Brasileiro de Sustentabilidade¹⁹), limita-se a mencionar pontualmente o

¹⁶ link para acesso da página com as visualizações criadas: [DataViz RGDS](#)

¹⁷ postagem completa em: <https://www.instagram.com/uoloficial/reel/C6sCInXIdPz/>

¹⁸ postagem completa em: https://www.instagram.com/escoladeativismo/p/C6q42-UMnDj/?img_index=1

¹⁹ postagem completa em: <https://www.instagram.com/ibsustentabilidade/reel/C6eTPUHg78p/>

racismo ambiental, sem aprofundamento analítico — reforçando um padrão recorrente de superficialidade quando se trata de questões estruturais.

Outro aspecto relevante diz respeito à centralidade dos emissores. Perfis de influenciadores e da imprensa concentram, respectivamente, 28,29% e 16,2% do engajamento total da rede, destacando nomes como @cnnbrasil e @globonews, exemplo de postagem: "*O prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), decretou nesta segunda-feira (6) o racionamento de água.*"²⁰. Embora existam vozes independentes no grafo, o debate público segue majoritariamente moldado por atores com maior visibilidade e legitimidade prévia, o que evidencia as assimetrias do ecossistema e os limites da descentralização discursiva nas plataformas digitais.

4. Conclusão

A análise das redes sociais sobre as enchentes no Rio Grande do Sul mostra que as narrativas em torno do desastre estão profundamente atravessadas por questões de raça, classe e território. Observa-se uma concentração do discurso em atores com ampla visibilidade nas plataformas, o que evidencia um desequilíbrio no poder de fala — especialmente preocupante em contextos de crise, onde a circulação de informações confiáveis e diversas é essencial.

No cluster “Imprensa”, mesmo quando o termo “racismo ambiental” aparece, as postagens tendem a reforçar enquadramentos de dor e solidariedade, sem avançar no debate sobre as desigualdades estruturais. Em contraste, o cluster “Racismo Ambiental + Enchente RS” reúne conteúdos que denunciam o apagamento histórico de populações quilombolas. Esses conteúdos mostram como os desastres também funcionam como espelhos das exclusões territoriais já existentes, em diálogo com Vedovatto (2019).

Assim, a perspectiva de Recuero (2017) se mostra fundamental para compreender essas dinâmicas, uma vez que as plataformas digitais operam como arenas de disputa simbólica, mediadas pelas estruturas técnicas das redes e pelas interações entre usuários. Nesse contexto, as visualizações interativas permitiram mapear as dinâmicas de engajamento e a interconexão entre os diferentes discursos presentes nas redes sociais. Não apenas ilustraram as conexões entre os discursos, mas funcionaram como ferramentas analíticas essenciais para identificar os nós discursivos, os fluxos de

²⁰ postagem completa em: <https://www.instagram.com/globonews/p/C6pEmsfvkIk/>

engajamento e os silenciamentos presentes no ecossistema informacional sobre o desastre.

A resistência e a mobilização de influenciadores, organizações civis e movimentos autônomos foram fundamentais para tensionar a cobertura hegemônica, mostrando que, embora as redes sociais ampliem a visibilidade de pautas racializadas, ainda enfrentam limites quanto à profundidade e à efetividade das discussões sobre justiça ambiental. Ao evidenciar essas disputas, esta pesquisa busca compreender como, em contextos de crise, a comunicação se configura como um campo de conflito simbólico, técnico e político, no qual sentidos são disputados e vozes ainda são silenciadas.

Referências

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GIERING, M.E. PINTO, R. **O discurso digital nativo e a noção de textualidade**. v. 15 n. 31 (2021): Revista (Con)Textos Linguísticos - Linguística de Texto e Análise da Conversação: abordagens metodológicas. <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35655>

HERCULANO, Selene. **O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental**. InterfacEHS - Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, São Paulo, v.3, n.1, p. 1-20, 2008. Disponível em: <https://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>. Acesso em 10 mar. 2025

LEÓN, Lucas Pordeus. **Quinze quilombos estão totalmente isolados pelas chuvas no RS**. Agência Brasil, 16 maio 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/quinze-quilombos-estao-totalmente-isolados-pelas-chuvas-no-rs>. Acesso em: 19 dez. 2024.

PINOTTI, Fernanda. **Artistas promovem live para arrecadar doações para o RS nesta terça (7)**; assista. CNN Brasil, São Paulo, 7 maio 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/artistas-promovem-live-para-arrecadar-doacoes-para-o-rs-nesta-terca-7-assista/>. Acesso em 11 dez 2024.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Desigualdades sociais e raciais no Rio Grande do Sul: uma análise demográfica**. Porto Alegre: PUCRS, 2022. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/noticias/impacto-social/desigualdade-racial/>. Acesso em 20 dez 2024.

TRIBUNA DE ITUVERAVA. **‘Não temos como voltar’: o impacto das enchentes sobre os quilombos do RS**. Disponível em: <https://www.tribunadeituverava.com.br/nao-temos-como-voltar-o-impacto-das-enchentes-sobre-os-quilombos-do-rs/>. Acesso em 11 dez. 2024.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet: Considerações iniciais**. E-Compós, Brasília, v. 9, 2017.

VEDOVATTO, M. **Povos indígenas e injustiça etnoambiental na formação territorial brasileira**. Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 139-156, 2019. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/riel/article/view/1140>. Acesso em 23 mar. 2025